

Turistas na própria casa

por Spensy Pimentel

Muito se discute sobre o tal Renascimento do Cinema Nacional. A despeito de já ter feito história (tão tênue quanto a cinematografia, ou mesmo a pátria que o pariu), indo de herói a bandido, de incensado a pisado pela mídia cultural em menos de quatro anos, ele permanece indefinido, amorfo até.

Praticamente só a ficção realizada durante o reinado de FHC foi alvo de alguma reflexão mais elaborada. Os documentários, como bloco, passaram ao largo para a maioria – significativamente, aliás, como sua maior mecenas, a TV a cabo, que financiou boa parte da produção recente do gênero. Nem ao magnânimo Espaço Unibanco vários desses filmes lograram chegar. A despeito do pouco que se debateu, porém, a produção recente de “documentos” tem sim um rosto, talvez bem mais definido que o de sua irmãzinha ficção.

Um laço fraternal une os dois gêmeos. Como destaca um outro artigo desta **Sinopse**: os autores tupiniquins de destaque já entram pelos 30 anos de carreira, permanecendo em sua via-sacra com a câmera-cruz nos ombros. São antigos os pilares desse gênero ironicamente identificado com a representação fiel do mundo – embora nesta terra surreal ele exiba não poucas vezes uma originalidade inalcançável até pelas mentes mais dalidantescas. Regra maior: Coutinho, estrela do nosso pôster deste mês.

Outro dado em comum com a ficção do período: o binômio progresso técnico – retrocesso criativo. Além do diplominha-do-

curso-em-Nova-Iorque-que-o-papai-pagou-para-mim e do chavão-muleta da “estética vídeoclipe”, essa nova geração traz muito pouco consigo. O cinema tupiniquim, ponta-de-lança nos anos 60, nem ao menos consegue agora incorporar minimamente as soluções que iranianos, dogmáticos e outros têm proposto para enfrentar a falta de dinheiro, as mudanças no perfil do público e essa nossa época sem muros. Mireveja: um dos aspectos mais comentados dos filmes do RCN é justo a “excelência” técnica de algumas produções (vide o velho complexo de 3º Mundo desta nossa elitezinha de merda...). Em nossos dias, nossos únicos prêmios de Cannes vêm para os publicitários.

Os novos documentaristas, como analisa outro texto desta edição, agem norteados por pressupostos que representam em verdade um retrocesso. Esqueceu-se o que há 30 anos era uma obviedade: um homem que se aplica à produção de um discurso sobre outros homens já, nem mesmo com as mais transcendentais técnicas de viagem astral, alcançará a objetividade, esse atributo divino. Pois, agora esse caranguejar. Meu ponto: o que houve? Cuspamos uma hipótese.

Vale notar que o ciclo setentista da boca-do-lixo paulistana representa possivelmente o último foco de artesanato cinematográfico no país, e que a formação dos profissionais da nova geração depende quase sempre de uma passagem pelas escassas escolas-de-cinema-do-professor-raimundo do país ou pela publicidade.

Lembremos também que nosso cinema é elitizado por excelência. Isso é relevante porque nesses últimos 30 anos as desigualdades econômicas entre uma elite cada vez mais enriquecida e uma pobreza agora urbanizada converteram-se, no plano cultural, em uma incomunicabilidade irremediável.

Uma evidência do fenômeno está no surgimento da idéia de brega, atualização de preconceitos ancestrais, suspensos no intervalo modernismo – tropicalismo. O nordestino é um belo objeto de inspiração enquanto ilha-do-pela-seca e a fome nos confins do sertão. Suas formas culturais tradicionais são então tomadas como base para a sinistra estilização esclarecida dos caetanos da vida, contribuindo para a farofa geral do país – Darcy Ribeiro já avisava: “o *apartheid* tem conteúdos de tolerância que aqui se ignoram”.

Arrancada da herança da tradição oral, entretanto – mas sem contar com a substituição desta por uma educação formal razoável – essa arte popular sobrevive sem o encanto das reminiscências medievais, abundantes ainda há pouco, quando cineastas maravilhados registravam ecos milenares de estórias e canções que teriam sido esquecidas facilmente na metrópole. Resta um vago fascínio turístico nas universitárias fogosas, ansiosas por experimentar do Bom Selvagem nas viagens de férias ou forrós do Largo de Pinheiros. E a folclorização bem-intencionada de um Nóbrega e seus paulistas dançando ciranda na Vila Madalena, em ambiente devidamente desodorizado.

Mesmo com 4 a cada 5 brasileiros já ur-

banizados, e com apenas 15 municípios, em quase 4500, em todo o país ainda não recebendo oficialmente as imagens da Globo, sobrevive como contraparte dessa decepção o “mito do turista aprendiz”, adaptação perversa das viagens de Mário de Andrade. Perversa pois que substitui a aproximação humanista pelo simples fascínio do exótico.

Exemplo: *Fé*, de Ricardo Dias, uma seqüência de lindos painéis sem a mínima sensibilidade para transcender a velha e sem-graça interpretação marxista do fenômeno religioso. De forma sintomática, um dos planos iniciais de *Santo Forte*, de Coutinho, literalmente dá as costas para um espetáculo que seria o centro das atenções das lentes de Dias, a visita do Papa ao Rio em 97.

O desnudamento total do despreparo da geração veio em *Mensageiro entre Dois Mundos*. O ícone Gilberto Gil, pseudo-guia da equipe através da cultura negra, sem querer confessa a certo ponto que ele mesmo nunca experimentara a vera fé afro-brasileira. Calças na mão, mostra-se enfim tão estrangeiro quanto o próprio tema do filme, o francês Pierre Verger.

Enquanto isso, as raras minhocas da linguagem cinematográfica, como Pizzini e Furtado, arejando incessantemente o solo, permanecem à espera de plantas que vinguem em seus terrenos. A sorte é que ainda surjam iniciativas de fugitivos da claustrofóbica realidade Vila Madá (agora, sintomaticamente, toda noite na Globo, às 19h, com gravações em frente à redação desta revista) para cultivar a humildade que deveria ser o norte de qualquer um que pretendesse um cinema consciente de que a luz que atinge a película do documentarista emana, antes de mais nada, do mundo. Como o CTI, ONG de São Paulo que, antes de explorar o Brasil em busca de troféus etnográficos para pendurar na parede, pre-

fere instruir os próprios índios na utilização de câmera e ilha (ensinando-os a pescar, em vez de lhes roubar o peixe), conduzindo-os diretamente da era pré para a pós-gutemberguiana, no dizer de Tom Zé.

Exemplar é o diálogo que o discreto Maurício Eça promove em São Paulo com os cachorros loucos dos Racionais MCs, que lhe abrem as portas para contar as histórias da periferia da cidade em troca da colaboração em seus cliques. Afinal, vivemos num tempo em que caipiras, negros, índios – velhas musas dos intelectuais brazucas – já não se contentam unicamente com fotografias presenteadas

pelo documentarista camarada. Coutinho e seus bolos de notas dados aos personagens de *Santo Forte* em troca de sua participação no filme que o diga. Porque até os santos da umbanda exigem seu pagamento.



